

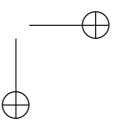
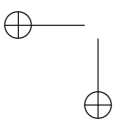
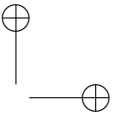
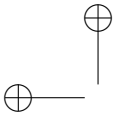
**PARA CELEBRAR A  
PARTILHA**

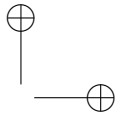
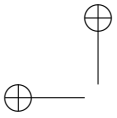


**Michel Serres**

Tradutor:  
José M. S. Rosa

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

FICHA TÉCNICA

Título: *Para celebrar a Partilha*

Autor: Michel Serres

Tradutor: José M. S. Rosa

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

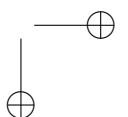
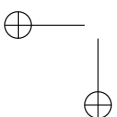
Direcção da Colecção: José Rosa & Artur Morão

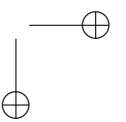
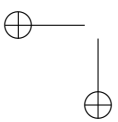
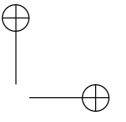
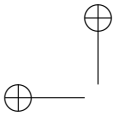
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

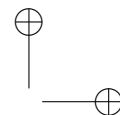
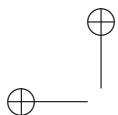
Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008



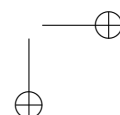
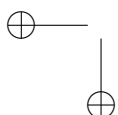


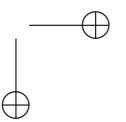
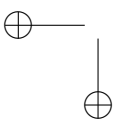
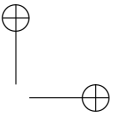
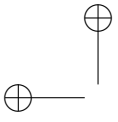


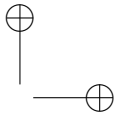
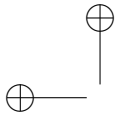
## Oferenda Gratulatória

A descoberta deste texto, há já muito tempo, foi uma graça e uma cruz. Graça: algo de essencial, em que há vários anos meditava, encontrava finalmente expressão exacta na prosa bela, sábia e profunda de Michel Serres. Partes há do texto que estão *em branco*, como certos trechos de música contemporânea, que assim querem associar os futuros executores à co-autoria. Cruz: lido e relido inúmeras vezes, acudia-nos outras vezes em sobressalto, no meio de trivialidades; depois vieram as tentativas de *execução*, visando realizá-lo naquilo que é: um texto prático. Mas nem sempre as coisas “se entresoldam” libertando-nos “da obrigação esmagadora de ter de nomear”. E aí é que está a *cruz*, sobretudo quando se pronuncia ‘o nome de Deus em vão’, como obscenamente temos visto nesta hora em que “a guerra reduz a sabedoria ao silêncio”. Ousá-mos, enfim, tentar traduzir o intraduzível que, ao mesmo tempo, *pede* para ser traduzido em todas as línguas do mundo (deste e do outro).

José M. da S. Rosa







# Para celebrar a Partilha\*

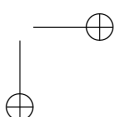
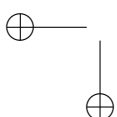
Michel Serres

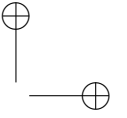
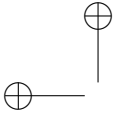
## Contents

Dois ramalhetes de flores . . . . .	7
Entre o mesmo e o outro, o caminho é o mesmo . . . . .	8
Enfeites . . . . .	9
Então o outro ilumina o mesmo . . . . .	9
Entre o mesmo e o outro, o caminho é o outro . . . . .	11
Os instrumentos da partilha . . . . .	11
O terceiro homem e o terceiro lugar . . . . .	12
Em direcção ao universo . . . . .	13
O universal está no parque Katsura . . . . .	14
Fusão dos separados . . . . .	15
Modelo reduzido . . . . .	15
Imensos e minúsculos modelos . . . . .	17
Duas línguas universais: violência e criação . . . . .	17
A obra . . . . .	19
O terceiro ramalhete . . . . .	19

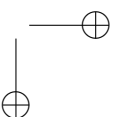
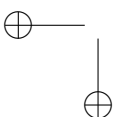
---

\*Conferência proferida por Michel Serres no dia 5 de Novembro de 1992, por ocasião da inauguração da Villa Kujoyama, em Kyoto

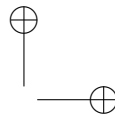
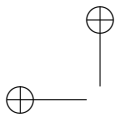




**A Estrellita e a Michel Wasserman**







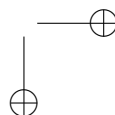
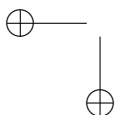
## **Dois ramalhetes de flores**

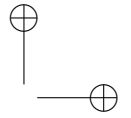
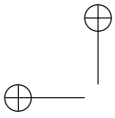
Nasci no meio de uma planície aluvial, em França, onde, benfazejo e perigoso, um rio irriga e inunda irregularmente um vale plantado com pomares de macieiras, pessegueiros e cerejeiras de dez espécies, vizinhos chegados dos abrunheiros desde o sopé das colinas.

Quando a Primavera irrompe, uma superabundante floração envolve os troncos escuros, recobrando a erva nascente e o solo esquecido, de tal modo que a três metros do solo o universo levita em cor de rosa, em branco-isabel e em creme, cores doces e ternas sob um céu de pastel; banhado pelo firmamento o alto desce, o baixo retira-se, invisível e escondido, o fundo desmaia na claridade húmida, e apenas resta um mundo floral intermediário. A angélica leveza deste jardim suspenso, cuja ascensão dura dias e dias, ensinou-me a mim, criança, a beleza serena. Confesso nunca mais ter encontrado depois, nas minhas viagens, o êxtase humilde do meu vale primaveril, até que um começo de ano me surpreendeu entre vós, irmãos em êxtase, entre a floração celeste das ameixeiras rosa-pálido, das camélias e dos pessegueiros vermelhos, das violetas e malvas-glicínias, das cerejeiras brancas, enfim, das multicores azáleas, conjunto em levitação, pelas ilhas do Japão.

Nascidos nos dois respectivos lados da Terra boreal, aproximamos todavia as flores, entre os viços de Abril, que, naturalmente, ensinaram aos nossos dois povos que a beleza ascende, entrelaçada com as folhagens, entre as brumas e a terra arada, ao ar livre, e que a nossa alma comum – ínfima, subtil, miúda, imponderável, aérea, pairando, a acompanha no seu voo. Diferentes, irmana-nos uma mesma estação matizada e, quem sabe, identifica-nos.

Eis, para começar, dois ramalhetes de flores em estilo livre.





## Entre o mesmo e o outro, o caminho é o mesmo

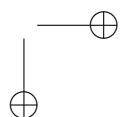
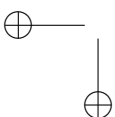
Acontece, pois, que entre a França e o Japão o caminho é a direito. Fácil e rápida, quando traduz a paleta colorida de um ramalhete de flores num semelhante cromatismo, a partilha esconde todavia uma subtileza.

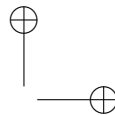
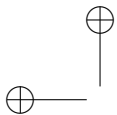
Ei-la: quando um navegador corajoso atravessa um rio largo ou um estreito ventoso, o itinerário da sua viagem divide-se em três partes. Enquanto tem à vista a margem da partida ou descortina a da chegada, habita ele ainda o ancoradouro de origem ou já a finalidade do seu desejo; por outras palavras, francês aqui ou japonês em França. Ora, lá bem no meio do percurso, chega um momento decisivo e patético, onde, a igual distância das duas margens, durante a passagem mais ou menos demorada, numa grande faixa neutra ou branca, não está nem numa nem noutra e torna-se, talvez, ainda e já uma e outra ao mesmo tempo. Inquieto, suspenso, como que em equilíbrio no seu movimento, reconhece um espaço inexplorado, ausente em todos os mapas e que nunca jamais navegador algum descreveu.

A sua boa vontade de traduzir passa pela sobreposição das imagens de transição que designa na língua francesa a preposição *entre*; ele [navegador] avança em linha recta ou mergulha num estranho redemoinho nas voltas do qual devem rodar as diferenças do mundo.

Como cada uma delas [imagens] deita a sua cor neste centro indiferenciado, por onde todos passamos para aceder a todos, ele junta-as a todas numa transparência pálida, uma vez que o branco contém, em síntese perfeita e na realidade, todas as cores do arco-íris: tal incandescência torna-o invisível.

Nesta galeria neutra e mista, o passante ou passador, subitamente tornado mestiço ou neutro, misturará em si duas naturezas, duas línguas, dois gestos, até neles se dissolver e perder? Se a sua vida o fez errar em muitos braços de mar, o seu corpo e o seu espírito terão aprendido e misturado tantas culturas diversas ao ponto





de alcançar, em si e sobre si, a brancura imaculada do próprio lugar?

Este terreno neutro ou translúcido, esta brancura entre dois ramos multicores que todos nós experimentamos, às cegas, no nosso labor quotidiano, uma vez que todos nós devotamos as nossas vidas e as nossas boas vontades à partilha, às mensagens e às relações — como é possível que nem os etnólogos nem os antropólogos, jamais tenham confessado nos seus livros tê-lo reconhecido ou atravessado, pelo menos como propileus da sua iniciação?

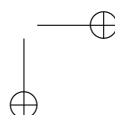
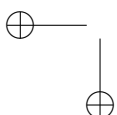
## **Enfeites**

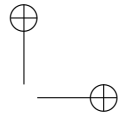
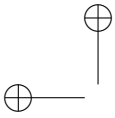
Nova dificuldade: muitas vezes sofremos a impossibilidade banal de traduzir por uma via recta numa língua os usos singulares de outro país ou de outra língua: a estrada nem sempre corre directamente de Primavera a Primavera ou de uma ameixeira a um enxerto pela mesma gama cromática.

A passagem ou a partilha devem então descobrir caminhos escusos ou paradoxais, passadiços cuja travessia oblíqua nem sempre segue a exacta identidade das coisas. À míngua de poder comparar um paralelo, que não existe, tentamos um cruzamento incomparável.

## **Então o outro ilumina o mesmo**

Maravilhamento! O veiro magnífico dos kimonos multiplamente estendidos, desfraldados sobre um corpo andrógino com rosto de cerusa, trouxe-me há pouco uma tão violenta fruição dos sentidos e arrebatou a minha alma numa elevação tão fulminante que me fez compreender, de súbito, imprevisivelmente, os fastos da liturgia católica que a minha infância achava tão complicados: o celebrante





vestia as casulas, as dalmáticas, as estolas, manípulo, sobrepliz, alvas, amictos..., infinitos acessórios cujo vocabulário frondoso designava vestes de formas e cores variáveis, de acordo com o tempo das festas e os dias dos santos, seguindo o violeta a penitência das faltas cometidas, o vermelho a alegria, o branco e ouro o triunfo, o negro o luto funerário e o verde a esperança.

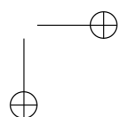
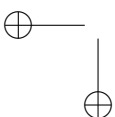
Apropriados aos homens e à mulheres, solteiras ou casadas, seguindo o tempo, a idade, a estação, festas e cerimónias ou o quotidiano doméstico, de manhã ou de tarde, assim de igual modo os vossos kimonos mudam de forma, de tamanho, de matéria, de acessórios, de cores e de impressões numa tal explosão caleidoscópica, sensorial e falada, que o deslumbramento que causa, intraduzível, perturba o estrangeiro, perdido, o qual apenas pode repetir os mesmos termos e mimar os mesmos gestos. Em que palavras, inexistentes na sua língua, os traduziria?

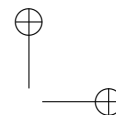
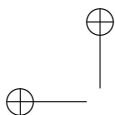
Para compreender ou partilhar, mudamos pois, mesmo em nós, de horizonte e de lugar, passamos da mulher ao sacerdote ou da cidade à igreja: e então surge uma estranha similitude, [surge] o mesmo leque variado, aberto do mesmo modo com o tempo do ano ou da estação, as circunstâncias, as intenções e os sentimentos, acolhimento familiar ou respeito formal, alegria ou luto. O falso sentido, cruzado, traz mais verdade.

— *Que estupidez bárbara é a tua*, dizia-me então um duplo, com razão, *para teres esperado tanto tempo para te expatriares para tão longe e para descobrires, de olhos abertos, cem maravilhas ao pé de ti que não compreendias ou criticavas ferozmente por as encontrares ridículas!*

— *Imbecil pretensioso*, retorquia, bem junto de mim, um gémeo imaginário, à esquerda, crítico e inteligente, *sem a tua infância de coro, entre os órgãos e os vapores do incenso, terias alguma vez sentido o deslumbramento místico emanado dos kimonos?*

Não! O mesmo ilumina o outro!





## **Entre o mesmo e o outro, o caminho é o outro**

Deixemos, pois, o caminho recto: quando queremos mudar de direcção, numa auto-estrada, saímos pelo ramal [*échangeur*]. Em forma de um trevo com várias folhas, com curvatura de raqueta e entrelaçamento de fios atados, as suas voltas de rosácea obrigam-nos-iam a andar com a cabeça à roda, de tal forma que, sem painéis indicadores, perderíamos a nossa via inicial sem encontrar a que queríamos tomar. Desejas tomar a esquerda? É preciso seguir pela da direita; chamo a isto um contra-senso.

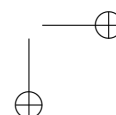
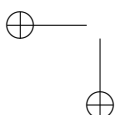
É quase sempre assim nas matemáticas, onde, para obter uma invariante, é preciso procurar variações subtis e muitas vezes cruzadas nos lugares mais diversos: e então, ó maravilha!, a soma das torções variadas no detalhe torna-se constância global e recta.

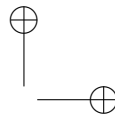
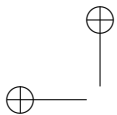
Imóvel e animando movimentos de rotação, o carrossel do ramal-em-trevo [*échangeur*] não tem nenhum sentido ou terá todos os sentidos? Nele e por ele escolhemos um sentido entre todos os outros possíveis.

Ainda há pouquinho o branco juntava todas as cores, entre dois ramalhetes; agora, visto de mais perto, aparece justamente um ramalhete de curvas sobre o mesmo lugar, onde, dando a volta, podemos partir para outras direcções: para todas? Excelentemente baptizado, o ramal-em-trevo [*échangeur*] conduzirá para o universal?

## **Os instrumentos da partilha**

Duas vezes estranha já, a questão da partilha! Como vamos nós do mesmo ao outro e do outro ao mesmo? Passando por um meio: faixa branca no meio da água, ei-lo agora torniquete onde o sentido se torce e revira: uma manha impôs-nos um rodeio, uma curva, um desvio que primeiro pareciam prestar-se aqui a confusões, encav-





alitando o profano e o sagrado, mas cuja profunda verdade, na verdade, não pode apagar-se. A distância que exactissimamente nos separa mede-se ao mesmo tempo que se desenha o caminho, de vez em quando enrolado sobre si, que nos une.

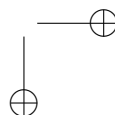
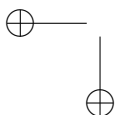
Como oceanografar os mares ignotos que afastam e aproximam as terras habitadas e cuja representação não figura em nenhum mapa? Esta faixa, este espaço branco, terceiro lugar de utopia entre o Japão, aqui, e a França, lá, ramal-em-trevo ou joeira entre toda a diferença, dêmos-lhe o nome imenso do universo, palavra universal que quer dizer que todas as coisas pendem ou rodam em torno de uma unidade cujo segredo transparente se insinua através das suas diferenciações.

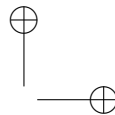
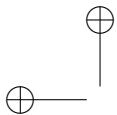
Lugar eminente do ramalhete das nossas relações, Kujoyama foi construído e vai funcionar como ramal-em-trevo [*échangeur*]. Quem somos nós, hoje reunidos sobre este nó de estradas? Ramais-em-trevo vivos [*échangeurs vivants*], ramalhetes de sentido. Como anjos portadores de mensagens, deveríamos vestir-nos todos de kimonos brancos, de diversas cores, conjunção universal.

### O terceiro homem e o terceiro lugar

Neste meio espaço ergue-se, com efeito, transparente, invisível, o fantasma de um terceiro homem, juntando a partilha entre o mesmo e o outro, cujo corpo cruzado ou fundido encadeia as extremidades opostas das diferenças ou as transições semelhantes das identidades. Mais que descrevê-lo ou defini-lo, quero transformar-me nele, neste viajante que explora e que reconhece, entre os dois países, este terceiro espaço.

Admiro a policromia das primaveras japonesas por ter vivido mergulhado nas menos faustosas da minha infância, compreendo a doçura do vale do meu nascimento por ter amado as primaveras japonesas; no meu corpo, daqui para o futuro, duas estações se





misturam, cujos tons rosa e creme, apresentam uma face a leste e um monograma a oeste, como uma moeda de ouro: a minha carne e o meu espírito habitam o metal transmutado desta moeda duas vezes cunhada.

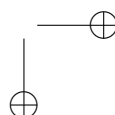
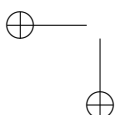
Ao virar o kimono ou a casula de frente para trás, ou às avessas, não sei mais qual lado mostro e qual esconde, uma vez que, pelo pudor ou vergonha que, ao contrário de muitos povos, nós partilhamos, o forro escondido encobre por vezes mais luxo e beleza do que a parte que está à mostra.

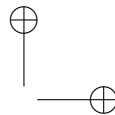
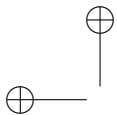
### **Em direcção ao universo**

Multiplico, como vedes, as imagens visíveis e particulares de fazendas ou de flores para tentar chegar a um universo invisível. Entre o mesmo e o outro, experimentamo-lo em nossos arrebatamentos, existe um terceiro lugar, universal: imenso *mundo* transparente onde circulam os gestos de partilha, faixa ou espaço branco onde a distância suprime a sua falha pela ligação, onde os movimentos parecem em repouso, nó de fios, ramal de estradas [*échangeur*], hesitação antes de traduzir, momento suspenso de alteração de fase, mistura, aliagem, mestiçagem... Este mundo forja o metal, urde o tecido, nutre a carne da humanidade no seu conjunto e na sua essência, como se o homem em geral se situasse na intersecção de todas as culturas, entre todos os humanos... E agora os seus lábios abertos e a sua boca inquieta não anelam por aquele sopro cujo espírito nos inspiraria um *língua* universal?

Até agora deixada no silêncio, será que ela descreve o itinerário que precede o encontro entre duas línguas? Que cultura ausente e branca a afasta, visto que estas [línguas] constroem o contacto entre duas culturas cromáticas?

Onde reina, pois, procuramo-la todos, a primavera essencial e única da qual a dupla estação, aquitana e japonesa, representaria





apenas duas versões? Que costureiro inimaginável trabalha e corta, e em que tenda, o vestido translúcido e feérico cujas casulas e kimonos fariam, cá e lá, levantar ou flutuar os alinhavos e as pregas?

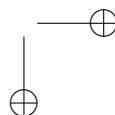
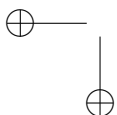
Neste lugar utópico tal artista por encontrar falaria a língua ignorada e própria para celebrar Kujoyama.

### O universal está no parque Katsura

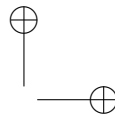
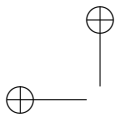
Espanto e maravilha: encontrei este luga! Visitemo-lo em conjunto antes de escutar, no seu silêncio, a língua branca da partilha. Sim, a utopia existe num parque.

Imperceptivelmente trabalhadas, as pedras inertes de uma possível construção disseminam-se por entre o jardim. Cada casa foi feita de madeira viva. A habitação não divide um *fora* e um *dentro*, o parque não separa nunca as plantações e as fábricas. O conceito de arquitectura parece desaparecer: a madeira da árvore faz uma concavidade, tronco ou toca, que o homem habita. Tão pouco definida como o próprio quarto, a janela não forma um vazio num cheio, nem um buraco numa coisa densa, nem aberta nem fechada: fechada, desaparece, torna-se muro; logo que aberta, ei-la natureza, de novo evaporada; mil janelas comportam-se como um espectro contínuo de abertos e fechados, conjunto delicado, com correições.

Por um tal *continuum*, o exterior não se distingue do interior, nada se recorta nem sobressai, nem a arte em partes nem as coisas em elementos. Mansart e Le Nôtre, paisagista e pedreiro, não rivalizam cara a cara, afastados como espécies, físicas, animais ou escolásticas. A casa funde-se no jardim e o parque no *habitat*, dois lugares para repousar. Em suma, a arquitectura dissolve-se na efusão das artes misturadas. Entrado na casa desde o pórtico do jardim, ainda hoje aí moro depois de ter transposto as portas do lar.







## **Fusão dos separados**

Os ocidentais pretendem: isto simboliza o fogo, o céu ou a terra, aquilo significa o vento ou as forças de reprodução. Para significar ou simbolizar é preciso um transporte ou uma tradução; como a passagem da flor à alma ou da pedra à nuvem, é preciso pois que primeiramente haja flores ou vento, quero dizer lilases separados das bagas de lóvão. Nós parecemos não ver que o símbolo supõe um divórcio entre o mesmo e o outro e que não podemos fazer sinais senão de uma margem à margem oposta [*d'une rive au rivage rival*] através de um fosso ou por cima dele.

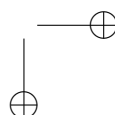
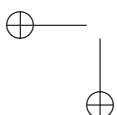
Aqui [em Katsura] nada simboliza nada, nada tem sentido ou faz sinal uma vez que os objectos como os conceitos imergem no universal cambiante, e como nenhuma coisa se relaciona com nenhuma outra, separado delas, perco os meus meios habituais de pensar. Uma metade da minha cabeça descarrega subitamente este cuidado sobre a outra metade sempre virgem — uma forma de dizer ainda no dizer do Oeste. Revelou-se-me, aqui e neste dia, que as duas partes da minha cabeça, do meu cérebro, do meu pensamento, da minha linguagem, dos meus signos, da minha relação com as próprias coisas no banho diluvial da língua, se entresoldam ao meio e que este lugar axial o encontro no próprio parque, espaço cómodo para o canhoto contrariado que eu sou, tranquilo, sossegado, como liberto da obrigação esmagadora de ter de nomear.

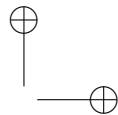
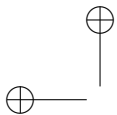
Passeio no meu pensamento, caminho no meu próprio corpo, moro no espaço dos meus hábitos, estarei eu, enfim, em minha casa, aqui, em Katsura?

## **Modelo reduzido**

Que Kujoyama possa tornar-se uma utopia assim universalizante!

*www.lusosofia.net*





Surpresa ainda: o artista que evoquei, encontrei-o também: a sua sombra esperava-nos, faz mais de meio século, neste lugar que ele preparou.

A personagem essencial, se assim ousar dizer, que, surpreendida por uma intuição fulgurante, Paul Claudel introduziu na segunda versão de *L'Échange*, peça cujo título nos inspira, é um baloiço que permanece em cena durante os três actos.

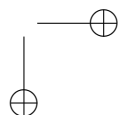
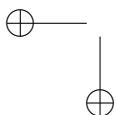
Como procuro obreiros da partilha, instrumentos universais cuja construção e forma dêem passagem e permitam a transformação, eis o *échangeur* numa história simplificada: quando andais num baloiço oscilais da descida para a subida, da face dada à relva cortada para a visão do firmamento, de frente para trás ou de Oeste para Leste. Variáveis, certamente, e voais até ter vertigens.

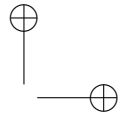
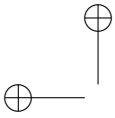
Mas como a engrenagem simples vos volta a trazer, no sentido inverso, para a posição que há nadinha tínheis deixado, ela representa também uma balança ou um balanço, estável pela sua variação, e, portanto, a justiça na mudança.

À volta do baloiço, na peça de Claudel, um certo homem deixa a sua mulher para tomar a que um outro homem deixou para comprar ou pagar a primeira; no meio do bailado sobreposto e cruzado, reina esta tábua fixa de volúvel troca que imita, conta, mede e, finalmente, anula os golpes. Os seus diversos movimentos tendem para a imobilidade branca.

Ao mudar de actores, de protagonistas ou de histórias, o baloiço permanece, evidentemente, quer se ria quer se chore, uma vez que ele marca o tempo das combinações mornas e da sua diversidade: variável graças às nossas manigâncias, mantém-se pelas nossas tentações singulares e pelas nossas incessantes tribulações. Girando em volta de uma barra única, podemos chamá-lo universal.

*Entreacto em oração jaculatória.* Que Michel Wasserman, mestre da obra e espírito tutelar do lugar, queira aceitar a jardineira oração que hoje formulo: que em memória de Paul Claudel, [memória]





que partilhamos, ele mande colocar nos jardins de Kujoyama um grande baloiço, em cima do qual os hóspedes dos dois sexos dos nossos dois países possam meditar, à vontade, sobre este modelo reduzido dos instrumentos da partilha.

### **Imensos e minúsculos modelos**

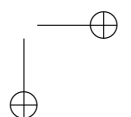
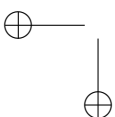
Ora, o orbe terráqueo, no limite do qual a noite cai, quando, quase no extremo desta ilha ocidental da Eurásia, sobre a sua outra face o sol se levanta sobre o seu próprio império, roda e gira, tão estável quanto um baloiço a girar ligado a um eixo. Desde que começámos a brincar ao teatro da história, ele voa do Este para o Oeste, variável e invariável, terra branca sobre a qual se inscreve, na poeira solta, o conjunto das nossas partilhas, limitadas pela morte e pelo equilíbrio de todas as restituições: balanço universal da justiça natural.

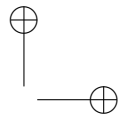
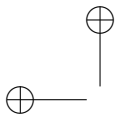
Levados sobre ela pela idade, substituíveis à mercê, pois que o próprio Claudel, genial, foi substituído pela nossa indignidade, eis-nos de pé, móveis e fixos, sobre este balancé perene, sarapintado com o detalhe das nossas diferenças cuja soma torna a Terra translúcida, batendo com precisão, como o nosso coração. Ela parará um dia como o órgão no tórax.

Por isso, diferentemente do que as línguas discursam, o mesmo balancé cordial regula as vidas dos homens e a própria Terra marca o compasso da sua permanência.

### **Duas línguas universais: violência e criação**

Pulso a bater, baloiço, ramal de estradas, parque ou mundo... segundo se afasta ou aproxima do lugar ou da faixa branca, este universal intermediário da partilha, cuja existência incandescente só





depende muitas vezes das boas vontades que fazem nascer a sua preciosa raridade, a infelicidade do mundo quer que a sua frágil emergência, no centro das nossas diferenças, o mais das vezes, aborte perante a violência desencadeada.

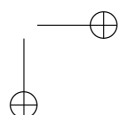
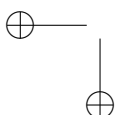
As relações internacionais raramente mudam de ramallete ou de enfeites de festa, não tomam muitas vezes a palavra nos paraísos meticulosamente ornamentados. O jardim neutro frequentemente transforma-se em campo de batalha. O combate, a concorrência, a vitória e a dominação do mais forte levam a melhor sobre o diálogo, sobre a partilha o roubo, os danos sobre o dom.

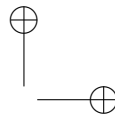
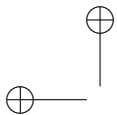
Quem ganhará? A resposta a esta questão apaixona intensamente o público, os jornalistas, os historiadores e os cronistas dos Jogos Olímpicos; ela compõe as notícias quotidianas, tão velhas, como a história que embota o nosso destino.

Compreendemos porquê este jardim branco ou a paleta matizada de tecidos ou de flores primaveris se desvanecem rápido como outrora se perdeu o jardim do paraíso: é que a guerra reduz a sabedoria ao silêncio. Talvez o terreno neutro e benfazejo da partilha e do entendimento permaneça invisível porque nós apenas queremos ganhar.

Quem ganhará, pois? A sabedoria responde que a cada um o seu tempo o levou, domine ou reine, do Este, do Oeste, do Sul ou do Norte. A dominação é a coisa mais partilhada do mundo, tão móvel e estável como o nosso baloiço. Conheceis um único país que, no seu tempo, não tenha sido, não seja ou não se venha a tornar, no senhor do mundo? Nada de mais comum, na verdade. Perenes e monótonas as lutas por esta dominação, individualmente instável e passageira, multiplicam sem cessar a infelicidade humana. Desde há milénios, a cultura humana se aplica, *universalmente*, a descrever esta absurdidade sangrenta e patética, como uma mãe se lamenta sobre o corpo ferido de um filho morto na guerra.

Quem ganhará? No fim de contas, um e outro, nem um nem outro, em suma. Pela adição do mesmo e do seu semelhante, o balanço terminal da concorrência violenta retorna à constante ba-





lança da partilha e define, de novo, o neutro, o branco, o terreno do entendimento, o jardim primaveril dos ramalhetes ou dos vestidos, sim, este universal que nós escondemos, em segredo, nas fundações de Kujoyama: a equidade.

## **A obra**

Se apenas amamos a luta e a competição, como criar? Aí é que está a questão. Tão longamente procurado, o segredo da criação é o mesmo que o do universal, tão longamente buscado. Os dois descobrem-se ao mesmo tempo, exactamente aqui.

O do universal lê-se sobre o baloiço. Ele marca a justiça, branca, e a paz renovada da partilha. Quem se digladia não pode criar, mas repete uma conduta arcaica que mergulha as suas raízes em comportamentos selvagens ou animais. E como indefinidamente recomeça a imitação destes comportamentos multimilenários, não inova nem encontra.

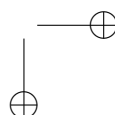
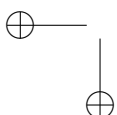
Já alguma vez ouvistes dizer que um animal tivesse inventado? Fruto da luta pela sobrevivência limita-se a lutar pela vida.

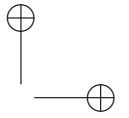
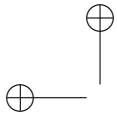
*A partilha só conhece línguas universais:* uma, tão fácil como cair e sempre repetitiva, produz o barulho caótico da guerra; a outra, rara, difícil e sempre nova, dedica-se à criação cultural.

Ao estado de paz, única boa nova da humanidade, sucede o nascimento da novidade; a promoção da singularidade segue-se ao estado de paz, estranha raridade da nossa história.

## **O terceiro ramallete**

Sobre o fundo deste universo esquecido, que marca o tempo entre nós, assim como o mundo sob os nossos pés, turbulento e silencioso, alvo e escuro, diverso e estável, a partir de hoje, diante





dos nossos olhos, levantam-se e voam os ramalhetes multicores da dança, sonatas e romances, aguarelas e guaches, massas para esculpir, métodos e resultados... intermediário floral levitando em Kujoyama, obras de arte e de ciência vernais entre as duas primaveras, aquitana e japonesa.

